

RAÚL BRANDÃO - JÚLIO BRANDÃO

A NOITE DE NATAL

leitura, introdução e notas por José Carlos Seabra Pereira
seguido de um estudo sobre Júlio Brandão

uma co-edição da I.N.C.M./Biblioteca Nacional



RAUL BRANDÃO - JÚLIO BRANDÃO

A NOITE DE NATAL

leitura, introdução e notas por José Carlos Seabra Pereira
seguido de um estudo sobre Júlio Brandão

uma co-edição da I.N.C.M./Biblioteca Nacional

Raul Brandão e Júlio Brandão na renovação literária
dos fins de século XIX

Este livro apresenta um estudo crítico e histórico sobre a obra de Raul Brandão e Júlio Brandão, dois dos principais nomes da renovação literária dos fins de século XIX em Portugal. O estudo analisa a evolução da prosa e da poesia destes autores, bem como o seu papel na renovação literária da época. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata de Raul Brandão e a segunda de Júlio Brandão. Cada parte contém uma introdução, uma leitura crítica e um estudo sobre o autor. O livro é uma co-edição da I.N.C.M./Biblioteca Nacional.

Se compararmos os factos que caracterizam a evolução da prosa e da poesia dos fins de século XIX em Portugal, veremos que a renovação literária desta época foi o resultado de um movimento de renovação que se iniciou em Portugal e se espalhou para outros países da Europa. Este movimento foi caracterizado por uma nova concepção da arte literária, que se baseava na liberdade de expressão e na liberdade de pensamento. Este movimento foi o resultado de um movimento de renovação que se iniciou em Portugal e se espalhou para outros países da Europa.

PERSONAGENS

DAMIÃO

40. ann. viuvez. feio, um tanto desforçado — Arranja
uma esposa e é um pouco curvado — Por vezes cede-lhe
a saia, arrancando-a com esforço as palavras. É muito tímido
e hesitante.

JOÃO **A NOITE DE NATAL**

Pai de Mécia, avô de Damião, 60 annos, velho austero.

CALISTO DRAMA EM TRÊS ACTOS

30 annos. Poeta e ORIGINAL — Um pouco de
de

RAUL BRANDÃO e JÚLIO BRANDÃO

Amante de Mécia, 30 annos.

MÉCIA

Mulher de Damião, 30 annos.

LUISA

Filha da primeira mulher de Damião, 16 annos. Apaixona-
da e nervosa.

ANTÓNIA DE SOUSA

85 annos. Boa velha, mãe de J. de Sousa.

JOANA

Órfã de Damião e criada de Luiza, 60 e pouco
annos.

O drama passa-se numa cidade de Portugal.

Personagens

DAMIÃO

40 anos, criatura feia, um tanto disforme — Arrasta uma perna e é um pouco corcovado — Por vezes custa-lhe a falar, arrancando com esforço as palavras. É muito tímido e desajeitado.

JOÃO DE SOUSA

Pai de Márcia, sogro de Damião, 60 anos, velho austero.

CALISTO SOROMENHO

50 anos. Poeta e janota romântico. Usa gaforina e é já um pouco calvo. Presunçoso.

ARTUR

Amante de Márcia. 30 anos.

MÁRCIA

Mulher de Damião. 30 anos.

LUÍSA

Filha da primeira mulher de Damião, 16 anos. Apaixonada e nervosa.

ANTÓNIA DE SOUSA

60 anos. Boa velha, mulher de J. de Sousa.

JOANA

Criada de Damião e antiga ama de Luísa. 60 e tantos anos.

O drama passa-se numa cidade de Portugal

ACTO I.^o

Sala burguesa. Mobiliário simples. A um dos lados, uma grande mesa de pinho, espécie de estirador, com instrumentos de escultura, pedaços de madeira e vários santos, alguns por acabar. Ao fundo uma larga porta de comunicação para a sala de jantar onde se vê uma mesa posta, sobre a qual está suspenso um candeeiro. Portas laterais.

CENA I.^a

Márcia e Artur

(ao subir o pano estão sentados conversando)

MÁRCIA

Não! Não!

ARTUR

Ora, não! — Uma criatura grotesca, um ser que ninguém sabe para que vive. Todos se riem dele.

MÁRCIA

Mas é bom... Às vezes tenho remorsos, sabes? Quando me olha, quando se ri com a filha, quando se põe a falar-me naquela voz arrastada e hesitante, mas com palavras... com palavras que têm um som... com palavras como eu nunca ouvi — coro...

ARTUR

Quando se põe a falar, vesgo, torto... Um ser que quase não sabe falar...

MÁRCIA

É que a sós connosco ou a sós com os santos, ele fala de outra maneira, com outras palavras. E eu esqueço que ele é vesgo, que é grotesco como tu dizes. Tudo isso desaparece. Olha, pelo amor de Deus não me fales nele: não me fales dele assim, que me afliges!

ARTUR

Queres que te diga que é formoso? (*rindo*) Seja!

MÁRCIA

Cala-te, Artur, cala-te!

ARTUR

Chego a achar-te graça, Márcia! Que piedade a tua, quando tu o fizeste mais ridículo ainda! Foste a primeira a rires-te dele e eu não posso rir-me... (*erguendo-se*) Um ser repelente!

MÁRCIA

Mas que mal te fez ele para assim o odiares? Ele que é incapaz de querer mal aos outros, que se sacrifica tanto!...

ARTUR

(*passeando*) Para que o iludiste então, ao santo, ao dedicado esposo?

MÁRCIA

Porque fui uma infame — e porque tu o enganaste...

ARTUR

Enganá-lo, eu?!

MÁRCIA

Ele era e é teu amigo. Acredita nos outros porque é bom e simples. Acreditou e tu, como ele era bom, calcaste-o.

ARTUR

(irónico) Tenho pena dele, coitado! — Pobre torto!

MÁRCIA (1)

Basta, cala-te. Eu hoje não posso ouvir que digas coisas dessas.

ARTUR (2)

(irónico) Começas, pois, a amá-lo?

MÁRCIA

Talvez... Começo a sentir que fomos infames.

ARTUR

Tu é que...

MÁRCIA

Chiu! *(escutando)* Aí vem Luísa!

CENA 2.^a

Os mesmos e Luísa *(que entra correndo, alegre)*

LUÍSA

Vem aí! *(ao vê-los pára, fica surpresa e triste)* Ah!

MÁRCIA

Quem vem aí?

(Luísa fica um momento calada a olhá-los)

MÁRCIA

Quem é, quem é que vem?

LUÍSA

(falando lentamente) Vem aí... meu pai.

(um pequeno silêncio. Fora tocam a campainha)

É ele! *(sai)*

MÁRCIA (3)

Ouviste? Reparaste no ar meio espantado de Luísa?

ARTUR

Isso é impressão tua.

MÁRCIA

Há tempos que a vejo afastar-se de mim. Às vezes fica horas a olhar-me, como quem interroga, meio sonâmbula. Faz-me medo!

ARTUR

Ora! Uma criança!...

MÁRCIA

As crianças adivinham... Já reparaste nos olhos enigmáticos de Luísa? As suas próprias palavras são outras. Quando fala dele diz sempre: **O meu pai...** (*fora ouve-se falar*)

ARTUR

Eles aí vêm...

CENA 3.^a

Márcia, Damião, Luísa e Artur

(*entram Damião e Luísa abraçados*)

Damião afaga-a, Luísa beija-o.

MÁRCIA

(*para Damião*) Vieste hoje mais tarde...

DAMIÃO

(*para Artur*) Oh! Estava cá!... (*cumprimentando-o*)
(*para Márcia, beijando-a na testa*) Boa tarde.

LUÍSA

(*fica parada, olhando-os sempre com um vago espanto*)

ARTUR

Passei e subi. Não o tinha para conversar e ia-me embora.

DAMIÃO

Vou aos meus santos. (*dirige-se para a mesa. Pegando num santo*) Já viu este que estou a acabar a... como se diz?... a...

ARTUR

Retocar?

DAMIÃO (4)

Isso retocar... (*olhando para o santo com afecto*) Aqui tem este santo... Tem uma história... tem uma história... de sofrimentos.

ARTUR

Como todos os santos...

DAMIÃO

Não... Tem uma bela história de sofrimento. E o que me tem custado a dar-lhe... aquilo... isto... expressão. Repare: era preciso dar-lhe na boca, nos olhos muita dor e ao mesmo tempo, re... resignação, bondade de Santo. Somente não consigo dar-lhe esta coisa, dar-lhe ao corpo... Ser esvelto, ser perfeito... Uma figura... como hei-de dizer? — figura... ideal!

ARTUR (5)

(*meio irónico*) Sim, parece-me torto. Você fê-lo corcunda, esquisito.

DAMIÃO (5)

Anh? Corcunda?

ARTUR

De resto você sabe (*para Márcia*) e a D. Márcia sabe uma coisa curiosa: é que certos artistas e até grandes artistas, quando têm um defeito físico, retratam-no nas obras. Você fê-lo, repare, grotesco...

MÁRCIA

Isso não!...

ÍNDICE

Este volume de
A NOITE DE NATAL

de Raul Brandão e Júlio Brandão
com leitura, introdução e notas
por José Carlos Seabra Pereira
é uma coedição da

Imprensa Nacional - Casa da Moeda e da Biblioteca Nacional
teve o arranjo gráfico de Armando Alves
foi composto e impresso
na Gráfica Maiadouro — Vila da Maia

Tiragem: 3.000 exemplares

Dezembro, 1981